



**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof.^a Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof.^a Dra. Lorena Almeida Gill
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof.^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof.^a Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof.^a Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof.^a Dr.^a Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof.^a Dr.^a Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof.^a Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho | Felipe Radünz Krüger | Mario Marcello Neto

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Los mejores cómics. Autor: <https://www.lacasadeel.net/2016/12/los-mejores-comics-regalar-2016.html>.

Pareceristas ad hoc:

Ciro Inácio Marcondes (Universidade Católica de Brasília) | Amaro Braga (Universidade Federal de Alagoas) | Alexandre Link Vargas (Universidade do Sul de Santa Catarina) | Thiago Vasconcellos

Modenesi (Universidade Tiradentes) | Savio Queiroz Lima (Universidade Federal da Bahia) | Sabrina Paixão (Universidade de São Paulo)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2022/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International Standard
Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai |
Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP:
96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* obra publicada em janeiro de 2023.



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: A história através das mídias) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v. 28, n. 1, dez. 2022. – Pelotas : UFPel/NDH, 2022 –
163 p. ; 4,3 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Mídias 3. HQ's 4. Filmes 5. Séries

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Lorena Almeida Gill</i>	07
APRESENTAÇÃO DOSSIÊ DOSSIER PRESENTATION <i>Artur Rodrigo Itaqi Lopes Filho Felipe Radünz Krüger Mario Marcello Neto</i>	11
DOSSIÊ: A HISTÓRIA ATRAVÉS DAS MÍDIAS	
TRAUMA E TESTEMUNHO EM GRAMA, DE KEUM SUK GENDRY-KIM: QUADRINHOS SOBRE AS MULHERES DE CONFORTO TRAUMA AND TESTIMONY IN GRAMA, BY KEUM SUK GENDRY-KIM: COMICS ABOUT COMFORT WOMEN <i>Daniel Soares Duarte</i> <i>Leticia Chrisostomo Bortt Moreira</i>	13
THOR, QUADRINHOS E O ENSINO DA BELEZA E A JUSTIÇA DE PLATÃO THOR, COMICS AND PLATO'S TEACHING OF BEAUTY AND JUSTICE <i>Renis Ramos Silva</i> <i>Gelson Weschenfelder</i>	36
SHAZAM: O PARADOXO DA JUVENTUDE SHAZAM: THE PARADOX OF YOUTH <i>Diego das Neves Ribeiro</i> <i>Elbert de Oliveira Agostinho</i>	49
QUANDO OS SUBALTERNIZADOS TOMAM AS CENAS: O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA WHEN THE SUBALTERNIZED DINATES TAKE THE SCENES: CINEMA AS A PEDAGOGICAL TOOL <i>Carine Medineira Buss Flores</i> <i>Erica Kirchhof Dias</i> <i>Fernando Souto Dias Neto</i>	67

<p>O HORROR “SOCIALMENTE RELEVANTE” DA EC COMICS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS “THE PATRIOTS” DE 1952</p> <p>THE “SOCIALLY RELEVANT” HORROR OF EC COMICS: AN ANALYSIS OF THE 1952 GRAPHIC NOVEL “THE PATRIOTS”</p> <p><i>Rodrigo Aparecido de Araújo Pedroso</i></p> <p><i>Rodrigo Cardoso Polatto</i></p>	81
<p>GUERRA E SEXO EM LOST GIRLS, DE ALAN MOORE E MELINDA GEBBIE</p> <p>WAR AND SEX IN LOST GIRLS, BY ALAN MOORE AND MELINDA GEBBIE</p> <p><i>Márcio dos Santos Rodrigues</i></p> <p><i>Suellen Cordovil da Silva</i></p>	99
<p>DESTRUIÇÃO CRIATIVA NA CAPITAL INGLESA: O CASO V FOR VENDETTA</p> <p>CREATIVE DESTRUCTION IN THE ENGLAND CAPITAL: CASE V FOR VENDETTA</p> <p><i>Felipe Radünz Krüger</i></p> <p><i>Mario Marcello Neto</i></p> <p><i>Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho</i></p>	117
ARTIGO LIVRE	
<p>“OS ASTROS DA 5ª COLUNA”: REPRESSÃO POLICIAL NO RIO GRANDE DO SUL DURANTE O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS (1930-1945)</p> <p>“THE STARS OF THE 5TH COLUMN”: POLICE REPRESSION IN RIO GRANDE DO SUL DURING THE GOVERNMENT OF GETÚLIO VARGAS (1930-1945)</p> <p><i>Tamires Ferreira Soares</i></p>	137
INSTRUMENTO DE TRABALHO	
<p>OS ESTATUTOS DA SOCIEDADE ITALIANA UNIÃO E PHILANTROPIA EM PELOTAS (RS) (1877)</p> <p>THE STATUTES OF THE ITALIAN SOCIETY UNIÃO E PHILANTROPIA IN PELOTAS (RS) (1877)</p> <p><i>Elisabeth da Rosa Conill</i></p>	154

TRAUMA E TESTEMUNHO EM GRAMA, DE KEUM SUK GENDRY-KIM: QUADRINHOS SOBRE AS MULHERES DE CONFORTO

TRAUMA AND TESTIMONY IN GRAMA, BY KEUM SUK GENDRY-KIM: COMICS ABOUT COMFORT WOMEN

Daniel Soares Duarte¹
Leticia Chrisostomo Bortt Moreira²

Resumo. Este texto tem como objetivo ser uma reflexão que parte da história em quadrinhos sul-coreana *Grama*, de Keum Suk Gendry-kim, publicada no Brasil em 2020. A HQ apresenta o relato de uma “mulher de conforto”, termo amenizado para designar as jovens coreanas, chinesas e japonesas que foram capturadas pelo exército japonês para servir como escravas sexuais aos soldados desse império, da Segunda Guerra sino-japonesa até os anos da 2ª Grande Guerra. A obra é pensada a partir do contexto da onda coreana de produtos de cultura popular, que usam instrumentos narrativos de profunda emotividade para cativar o público leitor. No caso em questão, são ressaltados as condições de sofrimento das mulheres sob três tipos de opressão: do patriarcado, da pobreza, da guerra. Do sofrimento, pode-se avaliar a intersecção entre guerra e trauma presente nos relatos não só da personagem principal, mas também de outras mulheres de conforto, que se faz tanto temática quanto formalmente na HQ. Trata-se de um sofrimento ainda silenciado e abafado na história mundial. **Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos; Mulheres de conforto; Memória; Testemunho; Coreia do Sul; Keum-Suk Gendry-Kim

Abstract. This text is a reflection based on the South Korean comic book *Grass*, by Keum Suk Gendry-kim, as published in Brazil in 2020. The comic book tells the story of a “comfort woman”, a term used to describe young Korean, Chinese, and Japanese women who were captured by the Japanese army to serve as sex slaves to the soldiers of that empire, from the Second Sino-Japanese War until the years of World War II. The work is regarded from the context of the “Korean wave” of popular culture products, which use narrative tools of powerful emotional responses to captivate the audience. In this case, the conditions of women’s suffering under three types of oppression are highlighted: patriarchy, poverty, and war. From suffering, one can assess the intersection between war and trauma present in the accounts not only of the main character, but also of other comfort women, which is made both thematically and formally in the comic book. This suffering remains partially silenced and toned down in world history.

Key Words: Graphic Novels; Comfort Women; Grass; Second World War; Keum-Suk Gendry-Kim.

Introdução

Neste artigo abordamos o *manhwa*³ *Grama* (GENDRY-KIM, 2020; todas as instâncias posteriores ao título referem-se a essa edição), que narra um relato/testemunho sobre a história de uma “mulher de conforto”, contado pela perspectiva de uma das vítimas,

¹ Doutor em Letras pela UFSC. Docente do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. danisoaresduarte@gmail.com

² Graduanda em Letras Redação e Revisão de Textos na Universidade Federal de Pelotas. leticiabortt@hotmail.com

³ Termo padrão para designar histórias em quadrinhos produzidas na Coreia.

Ok-Sun Lee. Os crimes relativos à história das mulheres de conforto⁴ – escravas sexuais do exército imperial japonês durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), quando os japoneses invadiram a China – permanecem, mesmo após 70 anos, debatidos e nebulosos, no sentido de que há poucos registros históricos acerca dessa prática, assim como houve ausência de retratação ou reparação oficial e digna às vítimas por parte dos governantes dos países envolvidos. Relatos oficiais, após uma admissão primeira de que a prática ocorreu, passaram a não afirmar categoricamente a existência de provas, documentações ou vestígios acerca da tragédia dessas mulheres, já que a maior parte do objeto possível de investigação eram as vítimas e suas memórias (PERCY e WALSH, 2018; DUDEN, 2022).

Embora a narrativa das vítimas de tragédias e catástrofes contribua para o conhecimento histórico e historiográfico, estes não se baseiam única e exclusivamente na memória das vítimas, exigindo maiores objetos de pesquisa. No entanto, partindo da percepção de que as artes, especialmente a literatura e a ficção narrativa, têm por interesse apresentar o muitas vezes inenarrável, poderemos ver a partir do *manhwa* a história por trás da memória de Ok-Sun Lee, uma das mulheres que foram escravizadas e vítimas do império japonês, que ainda hoje têm suas vivências injustiçadas pelos Estados de países do oriente. Nesse sentido, vale lembrar o que diz Márcio Seligman-Silva (2005, 2008), de muitas vezes o direto tende a não garantir espaço para falas desarticuladas, fragmentadas e plenas de reticências, como são as advindas das pessoas que passam por eventos traumáticos.

A seguir, iniciaremos por considerar o contexto da relativamente recente onda coreana de produtos de cultura pop em nível mundial, passando pelos motivos que levam tais produtos à conquista de vários tipos de público, para nos debruçarmos sobre os universos que colidem de forma pungente em *Grama*: i) a história de uma mulher de conforto, escravizada sexualmente pelo exército imperial japonês; ii) a presença de centenas de milhares de cidadãos coreanos no bombardeio a Hiroshima e Nagasaki; iii) os traumas de guerra em nível pessoal e coletivo, a disputa retórica e discursiva sobre qual é a “verdade” na história das mulheres de conforto; iv) e como a história em quadrinhos trabalha o espaço entre o que se diz e o que se mostra para construir uma narrativa delicada, sem se afastar da brutalidade de todos os momentos vividos na história de Ok-Sun Lee, expondo à leitura toda a crueza de um evento traumático que deve ser mais conhecido e reconhecido, pelo tanto que pode ensinar e contribuir para que se reconheça e ultrapasse um ressentimento legítimo de mais de 70 anos.

⁴ Tradução de: ianfu. É o termo mais utilizado para referir-se às vítimas e foi o escolhido no mangá para dirigir-se a elas, ainda que haja muitas discussões acerca da adequação desse termo.

Da “onda coreana” para um quadrinho pungente

Para entendermos melhor como *Gramma* trabalha diversos aspectos históricos e ficcionais, melhor será primeiro partir do seu contexto, situando a obra em relação à iniciativa da “onda coreana” ou *hallyu*, como é chamada a disseminação internacional dos produtos da cultura pop criados na Coreia do Sul a partir do final da década de 1990. Tal disseminação foi possível graças ao desenvolvimento de uma infraestrutura política sistemática e conjuntural, uma combinação entre governo e mercado de geração de um projeto nacional para competir dentro da globalização, não contra ela (KIM, 2013, p. p4). A seguir, abstrairmos tais questões sistêmicas para levantarmos três aspectos que contribuem para contextualizarmos a pungência do quadrinho e sua habilidade em articular narrativa, história e testemunho: alguns traços do vínculo da *hallyu* com o governo coreano, como forma de *soft power*; a reflexão de por que os produtos *pop* coreanos fazem sucesso internacional; e uma pequena nota intermediária sobre a capacidade que os quadrinhos em geral têm de auxiliar o ensino de história com mais refino do que filmes ou livros didáticos.

A partir da exportação de dramas e seriados televisivos, uma série de produtos culturais, que passou a incluir música pop coreana (K-pop), filmes, animações, jogos online, smartphones, moda, cosméticos e todo um estilo de vida espalhou-se, desde o final dos anos 1990, da Coreia do Sul aos países vizinhos e deles ao mundo, conquistando consumidores e criando comunidades de aficionados, que cresciam em número aproveitando o desenvolvimento paralelo das redes sociais, estabelecendo-se hoje como um público altamente influente ao redor do globo. “No passado, as imagens nacionais da Coreia eram negativamente associadas a zonas desmilitarizadas, divisão e problemas políticos, mas agora tais imagens gradualmente dão lugar à vitalidade de artistas da moda internacionais e tecnologia de ponta”⁵ (KIM, 2013, p. 2-3). Esse espalhamento cultural não ocorreu por acidente; ao contrário, foi engendrado pelo governo da Coreia do Sul que optou por desenvolver as emanções da cultura popular nacional como uma iniciativa econômica, tornando-as uma fonte central de receita estrangeira. “A cultura popular, que já foi considerada como baixa cultura emocional na Coreia, é hoje uma força poderosa de exportação, fornecendo suporte significativo para gerar valor e significado para a nação”⁶

⁵ Tradução nossa de: In the past, national images of Korea were negatively associated with the demilitarized zone, division and political disturbances, but now such images are gradually giving way to the vitality of trendy, transnational entertainers and cutting-edge technology.

⁶ Tradução nossa de: Popular culture, which was once considered as emotional, low culture in Korea, is now a potent export force providing significant underpinning for the generation of high value and meaning for the nation.

(KIM, 2013, p. 5).

A *hallyu* tornou-se, muito rapidamente, uma opção de *soft power* para implementar a influência coreana. Joseph Nye e Youna Kim refletem — a partir de Nye (2004) e da metáfora de se guiar um burro surrando-o com paus ou usando cenouras para aticá-lo — que

Poder é a capacidade de fazer os outros agirem de forma a alcançar os resultados que você deseja. Pode-se afetar o comportamento de três formas principais: ameaças de coerção (“paus”), indução ou pagamento (“cenouras”) e atração, que leva os outros a desejarem o mesmo que você (“*soft power*”). *O soft power coopta as pessoas em vez de coagi-las: se eu posso fazer com que você queira fazer o que eu quero, então não preciso forçá-lo a fazê-lo. Soft power não é o mesmo que influência, embora seja uma fonte dela. Também se pode obter influência pelo poder de ameaças ou por pagamento. E o soft power é mais do que apenas persuasão ou que a capacidade de fazer as pessoas agirem por meio de argumentos, embora isso seja parte importante do mesmo. É também a capacidade de seduzir e atrair.* (NYE e KIM, 2013, p. 31, itálicos nossos)

As histórias em quadrinhos são veículos poderosos na cultura pop mundial. Sua possibilidade de materialização do passado (ELWARD, 2022), vinculada à “não transparência” da narrativa visual – isto é, de ser constituinte do gênero chamar atenção à própria artesanania e à construção das histórias, e mesmo da própria historiografia, como narrativas (CHUTE, 2016, p. 2) –, torna também os quadrinhos instrumentos propícios ao ensino de história. Zane Elwards compara-as, favoravelmente, a livros didáticos, trabalhos acadêmicos, filmes, documentários e fotografias: os primeiros “carregam um tom de autoridade que dificulta o desenvolvimento dos estudantes”, enquanto os últimos tendem a “muitas vezes obscurecer sua natureza construída aos olhos do espectador”⁷ (ELWARD, 2022, p. 279). Como objetos cuja construção é imediatamente aparente, os quadrinhos servem ao ensino da história por não se “mascararem” de realidade, por não levarem os leitores a crer que estão testemunhando um evento, que o que está na página “é o que aconteceu”; por se constituírem enfim como discurso explicitamente construído, parcial tanto quanto revelador.

Assim, dentro do recente contexto da iniciativa de *soft power* da Coreia do Sul, os quadrinhos são também uma forma de expressão aproveitada pelo país para estabelecer

⁷ Tradução nossa de: Textbooks and scholarly works carry a tone of authority that is difficult for students to move beyond, while the “illusory ‘reality’” (Goldstein, 2014, pp. 132–133) conveyed by documentaries, film, and photography often obscures their constructed nature in the eyes of the viewer.

influência: após o lançamento de *Grama*, o Centro Cultural Coreano no Brasil lançou uma exposição sobre a obra, entre 08 de agosto e 05 de setembro de 2020 (CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL, 2022.). *Grama* tornou-se um título bastante vendido e comentado em diversos veículos de comunicação, jornais e websites, mesmo aqueles não dedicados aos quadrinhos (por exemplo, BALDUCCI, 2020, texto inserido em uma página da revista *Capricho*, em uma seção sobre K-pop), o que os inclui na iniciativa *hallyu* de disseminar a cultura sul-coreana e torná-la atraente aos mais diversos públicos, mesmo em uma obra com viés profundamente crítico a ações pregressas da Coreia e dos estados vizinhos.

Essa atratividade vem também, e talvez principalmente, devido a elementos que são constituintes das manifestações de cultura pop sul-coreanas, que as tornam muito eficientes para conquistar o apreço de diversos públicos em nível mundial. Youna Kim (2013, p. 75) indica cinco fatores para a popularidade dos produtos coreanos, facilitando sua exportação a diferentes culturas: 1) o que ela chama de emoção “A-ha!”, 2) noções de “reflexividade cotidiana”, 3) “individualização precária”, 4) “nacionalismo pop” e 5) “nacionalismo diaspórico online”. Suas categorias são baseadas nos dramas coreanos para televisão, mas estendem-se facilmente para outras manifestações artísticas: “o que torna as formas culturais coreanas populares tem a ver com o prazer de uma *experiência humana reconhecível com poderosas respostas emocionais*, uma sensação da textura da vida que atinge não apenas a esfera íntima, mas também o coração do eu reflexivo” (KIM, 2013, p. 77, grifo nosso). Assim, a intensidade emocional é marca de todas as obras, seja com um tom mais *kitsch*, seja de maneira refinada. Como veremos, é necessário chamar a atenção para o uso das emoções devido à intensidade com que as situações ocorrem, em quantidade e qualidade. Em *Grama*, por exemplo, a sucessão de eventos comporta momentos felizes muito breves que cintilam no meio de longas sequências de acontecimentos pesadíssimos na vida da protagonista, de modo a seguidamente nos perguntarmos como ela foi capaz de sobreviver a tantos choques, a tanta dor.

A cultura coreana reflete a sensibilidade única da nação, o “han” – uma palavra coreana para a profunda sensação de opressão e de profundo pesar: “Dramas coreanos expressam tristeza particularmente bem. O escritor de *Autumn in the Heart* chorava ao escrever seu roteiro. Os atores, durante os ensaios, também choravam” [...] Assim, a razão do sucesso do fenômeno é uma combinação da história trágica da Coreia, da intensidade da cultura emotiva coreana e da natureza não ameaçadora de seu povo.⁸ (KIM, 2013, p. 85)

⁸ Tradução nossa de: Korean culture reflects the nation’s unique sensibility “han” – a Korean word for a deeply

Não temos como saber da veracidade do acesso de choro dos próprios criadores e roteiristas, mas a imagem dá ideia da supervalorização da expressão emotiva carregada de delicadeza. E de todo modo, a relação de fatores que Kim aponta acima, entre a história da Coreia, a intensidade emotiva de seu povo e sua tendência à paz, se faz presente integralmente em *Grama*, de modo a ser difícil separar momentos dramáticos isolados: da condição de uma filha que quer ir à escola e é impedida pelos pais, que depois dizem que se ela trabalhar para um casal em um restaurante, poderá estudar; de ser enganada por este casal por se negar a cortar o cabelo, o que aceita fazer quando lhe dizem que só moças de cabelo cortado podem frequentar as aulas; de ser levada à força por dois homens para uma “casa de conforto”, no meio de uma estrada, levada à China de trem com outras meninas capturadas; a ter seu nome mudado à revelia, passar fome sistematicamente; perder a virgindade em um estupro coletivo (aparentemente antes de menstruar); contrair sífilis e ser obrigada a inalar mercúrio para tratar a doença. Esses acontecimentos se sucedem em apenas um terço do livro, sendo que os outros dois terços mantêm a sequência de dramaticidade e horror. A emotividade e a intensidade são ainda mais realçadas por breves momentos de ternura, lucidez e humor que em geral não levam a narrativa adiante, mas se destacam como aberturas contemplativas ternas e delicadas, em meio à brutalidade geral de todos os eventos. Essa abordagem foi pensada pela autora, que desejava um tom sereno para uma história tão brutal (GENDRY-KIM, 2020, p. 486).

Torna-se consequente o entendimento e a projeção, para os leitores, do grau de sofrimento vivido por Ok-Sun Lee. Torna-se também possível trabalharmos aspectos relativos tanto ao conteúdo da narrativa quanto a sua forma. A seguir, trataremos de questões voltadas aos diversos traumas narrados e transformados em testemunho, com o que isso implica para o conhecimento histórico, iniciando por uma breve discussão sobre o tema das mulheres de conforto e a disputa entre narrativas progressistas e neonacionalistas. Depois, abordaremos a interface entre texto, narrativa e o que os aspectos formais de *Grama* (uma narrativa em quadrinhos) traz de específico para a fruição e o entendimento desse testemunho.

felt sense of oppression and deep-seated grief: “Korean dramas express sadness particularly well. The writer of *Autumn in the Heart* would cry when writing his script. The actors, during rehearsals, started crying too” (producer of *Winter Sonata* and *Autumn in the Heart*, quoted in Time Asia 2005). Thus, the reason behind the successful phenomenon is a combination of Korea’s tragic history, the intensity of Korean emotive culture, and the non-threatening nature of its people.

Disputas de palavras sobre a história das mulheres de conforto e a tentativa de reconhecimento da dor

A história das mulheres de conforto até hoje é estigmatizante, para as vítimas e suas famílias, além de pouco reconhecida pelos governos envolvidos ou aceita pela cultura conservadora dos países envolvidos – principalmente Japão, China, Filipinas e Coreia do Sul (JONSSON, 2015; PARK, 2016; NAZAROV, 2018; SON, 2018). O sistema de mulheres de conforto se desenvolveu com base nos sistemas de prostituição presentes no Japão e na Coreia (PARK, 2016). Hata (2018) apresenta um levantamento de dados acerca do funcionamento da prostituição japonesa e suas relações com as casas de conforto do exército. A postura do autor, no entanto, está mais voltada para de algum modo neutralizar a prática das casas de conforto erguidas pelo exército japonês na Coreia, esvaziando-a do horror e tendendo a atenuar discursivamente o choque do testemunho. Não se trata de um movimento isolado. Oficialmente, a posição atual do governo japonês é de que não é possível confirmar que mulheres tenham sido levadas à força (PERCY e WALSH, 2018). Trata-se de uma postura oposta aos primeiros pedidos de desculpas feitos por membros do governo do Japão em 1992 e 1993, quando o tema veio à tona em reportagens do jornal *Asahi Shimbun* (a partir de 12 de janeiro de 1992). O relato de Hata (2018), apesar de enviesado, é detalhado a esse respeito; deve-se atentar, no entanto, para a postura defensiva do autor, cujo texto implica que o tema das mulheres de conforto tenha sido levantado apenas para criticar o então Primeiro Ministro Japonês, Miyazawa Kiichi.

Os parágrafos iniciais revelam que a intenção do *Asahi* era influenciar a opinião pública sobre a questão das mulheres de conforto. O relatório visava criar um cenário dramático, cronometrado para a próxima visita do primeiro-ministro, apresentando evidências para demonstrar que o governo japonês havia cometido “perjúrio” ao negar o envolvimento do estado no recrutamento de mulheres de conforto coreanas.⁹ (HATA, 2018)

Com textos assim modalizados (que no exemplo atribuem ao jornal o intuito de dramatizar e embaraçar o Primeiro Ministro, em vez de se voltarem à denúncia em si e ao teor dos relatos), autores conservadores neonacionalistas japoneses tentam manter

⁹ Tradução nossa de: The opening paragraphs reveal the *Asahi*'s intention was to influence public opinion on the comfort women issue. The report was aimed at creating a dramatic setting, timed for the prime minister's upcoming visit, by presenting evidence to demonstrate the Japanese government had committed “perjury” by denying there had been state involvement in recruiting Korean comfort women.

controversa a questão das mulheres de conforto, como estratégia para desviar o foco do debate sobre o devido reconhecimento às vítimas. Em especial, usam a atenção a detalhes técnicos e divergências entre relatos para desacreditá-los, apontando erros ou a impossibilidade de verificação (NOZAKI, 2005). Usam aqui da própria fragilidade do relato, um discurso marcado pela literalização e pela fragmentação como características centrais, como diz Seligman-Silva (2005, p. 87), para desacreditá-lo como um testemunho eivado de falsidades. O tema das mulheres de conforto acabou por ser inserido em livros didáticos no Japão, o que até hoje é criticado pelos neonacionalistas – apesar do uso de termos um tanto brandos para abordá-lo.

O governo também reconheceu que a coerção fora usada no recrutamento e na retenção das mulheres, e apelou para a pesquisa histórica e a educação com o objetivo de lembrar o fato. [...] em 1997 quase todos os livros de história escolar e de assuntos relacionados incluíam uma breve referência às mulheres de conforto. [...] Tais declarações, por mais brandas que fossem, serviram como janela legítima através da qual professores e alunos poderiam abordar a questão nas salas de aula¹⁰. (NOZAKI, 2005)

As vítimas, durante anos, algumas até o fim de suas vidas, lutaram para que os governos reconhecessem a brutalidade histórica de mentiras, sequestros, humilhações, maus tratos, estupros e violências físicas-emocionais irreversíveis (CHOE, 2015). A luta para o entendimento da dor está também na discussão dos termos usados, o que inclui o eufemismo “ianfu” (“mulheres de conforto”), e expressões como “kyosei-renko” (levado à força) incluídas em livros didáticos (NOZAKI, 2005) – expressões que neonacionalistas alegam não referir “em verdade” às mulheres de conforto por ser comumente aplicado a japoneses e chineses levados para trabalhar em minas de carvão e fábricas. Outro exemplo é a ausência do termo “escravizadas sexuais” no acordo oficial entre os governos do Japão e da Coreia do Sul (JAPÃO, 2015). Nesse caso, um problema alegado pelas próprias mulheres de conforto é o fato de elas não terem sido ouvidas para o processo de acordo entre as nações, apesar de estas considerarem oficialmente o problema como resolvido (JAPÃO, 2015)

Em meio às discussões e atribuições de culpa e responsabilidade, ainda não é

¹⁰ Tradução nossa de: The government also acknowledged that coercion had been used in the recruitment and retention of the women, and called for historical research and education aimed at remembering the fact. [...] and by 1997 almost all school history textbooks and those in related subjects included a brief reference to comfort women. [...] Such statements, however bland, served as a legitimate window through which teachers and students could address the issue in classrooms.

dada voz às vítimas. Essas mulheres buscaram, ainda que sem êxito, reparação dos governos envolvidos: uma nota oficial e uma indenização adequada para que reconhecessem o dano causado e para que reconstruíssem sua honra e sua integridade moral, o que até hoje não foi estabelecido nem tornado um direito (ver a introdução de SON, 2018). Muitas delas não puderam reconstruir sua dignidade: não puderam ter filhos devido à infertilidade causada pelas violências, o que as impossibilitou de casar, já que na cultura dessas nações, tradicionalmente o casamento e a maternidade tendem a definir a vida adulta de uma mulher (SOH, 2008) não conheceram o amor romântico; foram rejeitadas pela sociedade, que até hoje as condena e as caracteriza não como vítimas mas como prostitutas (PERCY e WALSH, 2018); perderam o contato e o respeito de suas famílias de origem; passaram dificuldades básicas e falta de assistência adequada logo após o incidente; além dos sonhos perdidos e dos traumas emocionais irreparáveis. Os relatos coligidos em Park (2016), alguns dos quais traduzimos parcialmente, adiante, coincidem em vários desses pontos.

Ainda há, portanto, uma lacuna na história dessas mulheres e desse acontecimento que não é contada nem reconhecida, e isso, sem dúvida alguma, para Ok-Sun Lee – assim como para outras vítimas – foi e é uma das maiores dores e revoltas a se lidar. No quadrinho, assim como nos registros acerca do tema da escravidão sexual, pouco se sabe sobre o sistema de funcionamento das casas de prostituição que abrigavam as mulheres de conforto; há notícias esparsas que algumas casas foram encontradas (CHINA THROUGH A LENS, 2005).

O que podemos saber através do *manhwa* é que, independentemente do valor e do interesse que muitos tinham em estar no local, curiosos não eram permitidos de forma alguma frequentarem esses estabelecimentos. Estes foram criados exclusivamente para os soldados japoneses com o objetivo de prevenir estupros e transmissões de doenças venéreas (PARK, 2016, p. 3, além de prevenir espionagem, uma vez que essas mulheres eram tidas em cativeiro, sem possibilidade alguma de contato exterior a menos que os donos das casas de partilha permitissem.

O modo como essas mulheres chegaram até esses estabelecimentos é a parte mais evidenciada na história em quadrinhos, uma vez que o que se tem de mais concreto sobre o caso é o que foi contado pelas próprias vítimas, já que os governos envolvidos sempre procuraram escamotear e obscurecer as narrativas sobre a história.

O fim da guerra com a chegada da bomba

Não são muitos os trechos que expandem o contexto de narrativa para o pano

de fundo histórico, mas eles enriquecem e trazem para o drama o painel necessário, e nunca menos pungente, nunca como adereço ou informação desconectada.

Por exemplo, em 1945, na manhã do dia 6 de agosto, os Estados Unidos da América lançaram a *Little Boy*¹¹, atingindo, segundo o quadrinho, o hospital Shima ao invés do alvo inicial: a Ponte Aioi (GENDRY-KIM, 2020, p. 341). Em seguida, é lançada em Nagasaki a segunda bomba, *Fat Man*, devido à resistência do Japão. Pode causar estranhamento que o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki seja abordado como algo mais que um pano de fundo marcante para a guerra como um todo, mas Keum-suk Gendry Kim conecta os bombardeios nucleares à sua nação:

Muitos coreanos levados à força para trabalhar em Hiroshima e Nagasaki também se tornaram vítimas. Eles foram mortos e nem sequer tiveram seus nomes reconhecidos. Já os feridos eram impedidos de receber tratamento adequado, apenas por serem coreanos. Jin-Tae Shim, diretor da Associação das Vítimas Coreanas da Bomba Atômica, no condado de Hapcheon, na Coreia do Sul, estima que, do total de 740 mil vítimas da bomba nuclear, cerca de 100 mil tinham nacionalidade coreana. Entre elas, aproximadamente 50 mil morreram nas detonações. (GENDRY-KIM, 2020, p. 347)

Do momento em que se inicia a narrativa em torno do fim da guerra é que temos mais informações gráfico-visuais, levando o leitor à imersão desse acontecimento histórico.

Gendry Kim (2020) conta, de forma verbal, entre as páginas 342-351, 1) a consequência da bomba nos cidadãos; 2) o combate entre os governos. No entanto, entre esse trecho narrativo, apenas nos são apresentadas imagens de cadáveres chamuscados, filhos procurando seus familiares e encontrando seus corpos sem vida. Essas imagens são quase cartunescas, efêmeras, construídas de forma diáfana, sutil e quase inexistente. O trecho – assim como os que representam momentos traumáticos no mangá e contemplação naturalista e orbital – saem dos quadros das sarjetas: extrapolam a página. Ocupam um lugar extenso, artístico e significativo, excluindo-se e rompendo as proporções do que é considerado a narrativa padrão das HQs. A citação acima, por exemplo, encontra-se em uma página que não apresenta quadros, tendo apenas o bloco de texto citado no centro, com suas bordas borradas de nanquim. Além disso, podemos ver como a comunicação gráfico-visual dessas páginas intercalam o que McCloud (2018) chama de *combinação interdependente* – em que as palavras ampliam ou elaboram sobre a imagem, e *combinação aditiva* – em que as palavras e

¹¹ Tradução: menininho. Trata-se do codinome da bomba atômica lançada em Hiroshima.

as imagens se unem para representar uma ideia que nenhuma das duas conseguiria transmitir e exprimir sozinha; esses termos de McCloud (2018) referem-se ao funcionamento estrutural e comunicacional das histórias em quadrinhos, e serão melhor exemplificados e definidos a seguir.

Violência contra a mulher

Mesmo antes de ser raptada e levada à casa de partilha, Ok-Sun Lee, testemunha em *Grana*, já sofria a violência velada contra as mulheres, na desigualdade/discriminação de gênero. A personagem revela que na infância sonhava em frequentar a escola, mas, que por ser mulher e por sua família possuir poucos recursos financeiros (já escassos para os próprios irmãos), não pôde realizá-lo (GENDRY-KIM, 2020, p. 23-40). Foi através desse desejo e também da miséria e a fome que os pais de Ok-Sun Lee recebem uma proposta de um possível coreano: a menina morar com ele e sua esposa até que seus pais consigam se estabilizar financeiramente (p. 75-98); enquanto isso, Ok-Sun Lee teria acesso à escola, alimentação e a uma vida digna em troca de ajuda braçal no restaurante do casal. No entanto, quando os pais apresentam a oferta à menina e ela aceita a proposta, é a partir desse momento que a vida da personagem tem seu destino modificado. Chegando no lugar, ela percebe que sua família foi enganada: todo o momento que permaneceu no estabelecimento apenas foi explorada para trabalhar para os donos. Logo, ao “dar trabalho” ao casal, por seu comportamento rebelde, ela é vendida para outro estabelecimento em que novamente é explorada, passando fome e miséria (p. 125-152). Ao ser solicitada para fazer um trabalho na rua, foi raptada por homens desconhecidos e levada a casa de partilha, sofrendo inúmeras violências físicas e emocionais; a exaustão ao trabalhar durante o dia realizando inúmeras tarefas e a noite atendendo ao sexo forçado dos soldados japoneses (p. 153-194). Essas mulheres ao servirem de conforto aos homens do exército também tinham acesso escasso ou quase inexistente a roupas limpas, produtos de higiene como absorventes e alimentação.

O artigo “Korean Survivors of the Japanese “Comfort Women” System: understanding the lifelong consequences of early life trauma” (PARK, 2016) apresenta uma coleta de dados sobre o tema das mulheres de conforto na perspectiva das vítimas. O trabalho foi desenvolvido através de entrevistas realizadas com 16 delas, já idosas. Nos seus depoimentos, elas falam sobre os abusos e as violências sofridas dentro das casas de partilha:

Eu nem tinha tido minha primeira menstruação naquela época. [...] Foi a minha primeira vez e eu era muito jovem. Até fiquei doente com isso. Tive que fazer

tratamento porque havia sangue quando eu urinava, e estava inchada também. No entanto, como eles me chamaram, eu ainda tinha que ir. Fiquei com medo quando vi sangue, e doeu muito. Se eu gritasse de dor, eles me chutavam. Batiam na minha cabeça e me batiam também. Ainda tenho uma cicatriz na cabeça. Eles quebraram meu braço também. Ainda dói sempre que chove.¹² (ID n° 14: PARK, 2016, p. 10)

“No meu primeiro dia, eu tinha sete caras seguidos. Inicialmente, eles não podiam nem colocar o deles na minha vagina. Até tive que ir ao hospital [...] Eu também peguei sífilis, mas não foi ao redor da minha vagina, mas dentro da minha barriga [...] Era tão grande quanto meu punho. Um estava bem nas minhas costelas, e outros dois estavam na minha virilha. Doem muito. [...] Algumas garotas estavam tentando fugir da casa. Se fossem pegadas, eram espancadas. [...] eu tomei veneno de rato e me enforcei para me matar. Eu queria morrer. Minha vida era miserável.¹³ (ID n° 7, p. 10)

Fui muito agredida. Eles me queimaram com um ferro de solda também. Eu tenho cicatrizes sobre meu corpo, incluindo meu peito e quadril. Eles estavam tentando me matar. [...] Um pouco meses depois, engravidei. Eles me perguntaram o que eu gostaria de fazer. Eu disse-lhes que eu não queria um bebê. Eles retiraram o bebê e também meu útero. Eu tinha apenas 18 anos na época. Fiquei internada para a cirurgia. Em duas semanas, no entanto, eles me forçaram a trabalhar novamente. [...] Os soldados japoneses eram como animais. Eram animais.¹⁴ (ID n° 16, p. 10)

No entanto, depois do período pós-guerra, as vítimas, mesmo libertas, ainda sofreram com a violência e a marginalização. Ok-Sun Lee, assim como outras mulheres,

¹² Tradução nossa de: I hadn't even started my first menses at that time. We were called to go to the room in turn. It was my first time and I was very young. I even got sick from it. I had to get treatment because there was blood when I urinated and it was swollen too. However, then they called me, I still had to go. I was scared when I saw blood, and it hurt a lot. If I screamed in pain, they kicked me. They hit my head and beat me too. I still have a scar on my head. They broke my arm too. It still hurts whenever it rains.

¹³ Tradução nossa de: It was as big as my fist. One was right on my ribs, and the other two were on my crotch. They hurt a lot.” “Some girls were trying to escape from the house. If they were caught, they were beaten. There were still a lot of girls who tried to escape from the house. Actually, I took rat poison and hung myself to kill myself. I wanted to die. My life was miserable.”

¹⁴ Tradução nossa de: I was beaten a lot. They burned me with a soldering iron too. I got scars all over my body including my breast and hip. They were trying to kill me.” “A few months later, I got pregnant. They asked me what I would want to do. I told them that I didn't want a baby. They removed the baby and also my uterus. I was only 18 years old at that time. I was hospitalized for the surgery. Within two weeks, however, they forced me to work again.” “The Japanese soldiers were like animals. They were animals.”

tiveram de passar pela rejeição familiar e o isolamento social. O relato a seguir, retirado também de Park (2016) aponta esse fato: “Eu não podia dizer nada sobre o que tinha acontecido comigo. Se eu tivesse dito que sou uma mulher de conforto vítima, eles teriam pensado que eu era uma prostituta. eu não contei nada, embora eu tenha morado com eles por cerca de um ano.”¹⁵ (ID nº 5, p. 11).

Em *Gramma*, similar aos relatos acima, Ok-Sun Lee menciona a decepção com os seus familiares: eles não acreditavam na sua história nem que os pais de Lee tinham permitido que ela fosse levada para trabalhar fora, portanto, sentiu-se rejeitada e preferiu abandonar a família. O isolamento social vivido pelas vítimas não ficou só no âmbito familiar, mas também afetivo. Muitas vítimas não tiveram filhos devido às violências sofridas nas casas de partilha, muitas sentiam vergonha e outras eram rejeitadas por outros homens: “A vida é difícil. Eu sofri emocionalmente. Eu fico doente o tempo todo. [...] Eu gostaria de ter um filho ou uma filha. Estou triste, então eu ainda choro [...] Se eu fosse casada e tivesse filhos, teria me sentido menos solitária.”¹⁶ (ID nº 4, p. 11)

“[...] Eu tenho osteoporose porque todo o meu útero foi removido quando eu morava em uma casa de conforto quando eu era mais jovem [...] Eu não poderia ter meu próprio filho. Eu não poderia fazer nada que as pessoas normais fazem em suas vidas. Minha vida era diferente de qualquer outra pessoa. Como alguém disse, meu tempo passou como o vento ou as ondas.”¹⁷ (ID nº 15, p. 11-12)

Na história em quadrinho, Ok-Sun Lee afirma – relato similar ao de muitas outras vítimas – que se tornou infértil ao tentar curar a sífilis com mercúrio, quando estava numa casa de partilha (GENDRY-KIM, 2020, p. 265). No entanto, depois da guerra, ela casou-se, cuidou do seu marido e criou os seus filhos, frutos de uma relação anterior do esposo (p. 405-421), lutou e buscou a retratação do governo japonês para que reconhecesse e indenizasse as vítimas (vovó Ok-sum Lee aparece na TV, como ativista, na p. 472).

¹⁵ Tradução nossa de: I couldn't say anything about what had happened to me. If I had said I am a comfort woman victim, they would have thought that I was a whore. I didn't tell them anything at all although I lived with them for about one year.

¹⁶ Tradução nossa de: Life is hard. I have emotionally suffered. I get sick all the time.” “I don't have my child and I am very lonely. I wish I had a son or a daughter. I am sad, so I still cry.” “If I was married and had children, I would have been less lonely.”

¹⁷ Tradução nossa de: “I have osteoporosis because my entire uterus was removed when I lived in a comfort house when I was younger. I had my uterus removed before I was 30. [...] I couldn't have my own child. I couldn't do anything that normal people do in their lives. My life was different from any other people. As someone said, my time has passed like the wind or waves.”

Apesar dos traumas, das perdas e das violências sofridas por Ok-Sun Lee – protagonista de *Grama* – e as demais vítimas, a autora do *manhwa*, Keum Suk Gendry-Kim, estabelece uma significativa analogia, comparando a grama às vítimas, para homenageá-las pela sua força e resiliência:

“Depois que esse frio passar, sem dúvida vai chegar uma carta do Sul. Uma carta do sol, avisando sobre a chegada da primavera. No fim do longo inverno, os galhos frágeis tremem. Novas vidas lutam para brotar de dentro para fora. O solo, por muito tempo adormecido, vai despertar, e a pequena grama vai se reerguer em meio às folhas secas, queimadas pelo frio. Mesmo derrubada pelo vento e pisoteada por muitos, a grama sempre se reergue. Pode ser que ela te cumprimente de forma tímida, passando de raspão pelas suas pernas – Olá! O inverno está indo, e a primavera, chegando. O calor da primavera estará aqui em breve, derretendo o frio que parece não ter fim.” (GRAMA, 2020, p. 415-417)

O trauma e a perda

Passaremos então, dos relatos, a uma etapa de abstração e generalização, baseada na intersecção entre psicologia, história e testemunho. Iniciamos por apontar três tipos gerais de trauma, presentes em *Grama*: a miséria, o abuso sexual e a solidão. Jin Lee (2022), ao tratar a obra como exemplo de literatura mundial, afirma que Ok-Sun Lee é triplamente marginalizada (e, acrescentamos, traumatizada): pelo feudalismo, pelo colonialismo japonês e pelo patriarcado. De fato, essas três instâncias se misturam. Os exemplos sumarizados no penúltimo parágrafo do item 2 indicam eventos traumáticos para a narradora, e todos eles se articulam em um ou mais dos eixos levantados por Lee: desejar ir à escola e ser impedida por não ser homem (GENDRY-KIM, 2020, p. 31); ser admoestada pela mãe por tentar roubar comida (caquis), sendo que sua família estava em estado de necessidade, com o pai impossibilitado de trabalhar e a família passando fome em uma Coreia fundamentalmente rural e abandonada (p. 47-55); ser castigada porque sua mãe pensou que ela tivesse roubado dinheiro para comprar balas (p. 66-68); não saber se foi vendida ou se foi dada a uma família, ou se era empregada desta (p. 80); sofrer preconceito depois da guerra, por parte dos irmãos, que não aceitavam que a mãe de Ok-Sun tenha tomado a decisão vil de dar a filha (p. 434); ser violentada diariamente por anos, servindo como “mulher de conforto” (p. 195-214); não ter o mínimo conhecimento sobre aspectos relativos ao corpo feminino, como menstruar ou engravidar (p. 217-223) – de fato, o uso do mercúrio para tratar a sífilis tornou-a estéril.

De acordo Klautau (2016), “a etimologia da palavra ‘trauma’ remete ao termo

grego indicativo de ‘ferida’, por sua vez, derivado do grego *traumatós* (furar), e seu significado pode ser descrito como uma ferida com efração”. A ferida pode ser física e/ou emocional, podendo referir-se a violência, traumatismo ou choque. Já para Garbarino, Kostelny e Dubrow (1991), o trauma define-se como “[...] um prejuízo, um estado psíquico ou comportamental desorientado, provocado por estresse mental ou emocional ou dano físico, relacionado a eventos que podem provocar medo agudo ou crônico.” (apud BORGES, 2008). Ainda em relação ao trauma emocional e suas definições psicológicas na área da infância e juventude: segundo Borges (2008), os traumas oriundo de abusos sexuais infantis podem trazer inúmeros malefícios à saúde física e mental da vítima, como comportamentos que desembocam em gravidez indesejada, abortos e doenças sexualmente transmissíveis; consequências e transtornos emocionais, como insegurança, autorepulsão, depressão, ansiedade, fobia e TEPT (Transtorno de Estresse Pós Traumático). Muitas vítimas também podem apresentar atitudes autodestrutivas (físicas e emocionais), distanciamento emocional, dificuldade em criar vínculos interpessoais, desesperança, reclusão e até mesmo a ruminação mental do episódio traumático vivenciado, fazendo com que o acontecimento seja constantemente reproduzido internamente. Muitos deles podem ser destrutivos e devastadores para a vítima, já que o impacto emocional pelo trauma sofrido não é calculável, e se configura de maneira distinta em cada indivíduo e em suas singularidades. Em *Gramá*, são muitos os momentos traumáticos. Em comum, eles têm a delicadeza de uma abordagem que não se furta a narrar o evento, mas sem explicitar a crueza dos atos, como, entre tantos exemplos, a fala de Ok-Sun Lee sobre quando perdeu sua virgindade:

“Sangrei muito. Me senti suja. É por isso que tantas mulheres se matam depois. Eu também não quis mais viver. Mas também não conseguia me matar. Por mais que quisesse morrer, não fui capaz disso. Se bem que eu já não estava mais viva, mesmo esperando. Tinha saudades da minha mãe, do meu pai, da casa onde os meus irmãozinhos moravam. Depois daquilo... eu nunca mais poderia ir lá” (GENDRY-KIM 2020, p. 208-209).

Como o quadrinho apresenta e se calca nas emoções vividas, mais que na correlação dos fatos

Adiante, tratamos das relações de delicadeza entre imagem e texto presentes no quadrinho como uma forma de aprofundar o efeito de aproximação e entendimento dos traumas vividos pela personagem. Voltaremos ao texto dessa citação, relacionando-o às imagens e ao diálogo entre as instâncias do dizer e do mostrar.

Para a presente análise, importa remeter também à ideia de abuso sexual. Segundo Marques (1994), este se inclui entre o abuso físico, o abuso psicológico, o abandono e a negligência. Compreende todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, que pode variar desde intercurso sexual com ou sem penetração (vaginal, anal e oral), voyeurismo, exibicionismo até exploração sexual, como a prostituição e a pornografia (Borges, 2008). Ele pode ser definido como uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução (Araújo, 2002 *apud* Borges, 2008). Em *Grama*, o abuso se faz primariamente via poder e violência.

“Aonde você vai?’ ‘Qual é o seu nome?’, ‘Onde é a sua casa?’, eles não fizeram uma pergunta sequer. Me pegaram à força... e eu fui raptada assim, voltando para o trabalho.”

“Ambos eram coreanos, mas, como estavam vestidos casualmente, eu não sei dizer se eram militares ou policiais.” (GENDRY-KIM, 2020, p. 163-164)



Figura 1. No quadro acima: exemplo gráfico de demonstração de poder e violência que leva ao abuso e o implica (GENDRY-KIM, 2020, p. 171).

Talvez uma das passagens mais impressionantes e fortes do quadrinho seja quando a interação entre os recursos de “mostrar e dizer” (McCloud, 2018, p. 138-161) é usada para indicar indiretamente o horror e o trauma vividos. Em um recurso narrativo recorrente, talvez o mais recorrente em todo o livro, as personagens narram os eventos ou os abordam, mas estes não são mostrados.

Como exemplo, temos a narrativa do momento em que Ok-Sun Lee perde a virgindade, no que aparenta ser um estupro coletivo. “Naquele dia, como sempre, estávamos mortas de cansaço no quarto, depois do trabalho [...] Os soldados entraram de repente. E assim... Na frente das minhas amigas... Fui estuprada como se fosse um animal.” (GENDRY-KIM, 2020, p. 200-202; cada uma dessas falas está em uma página respectiva). Reproduzimos as três páginas seguintes a essa fala:

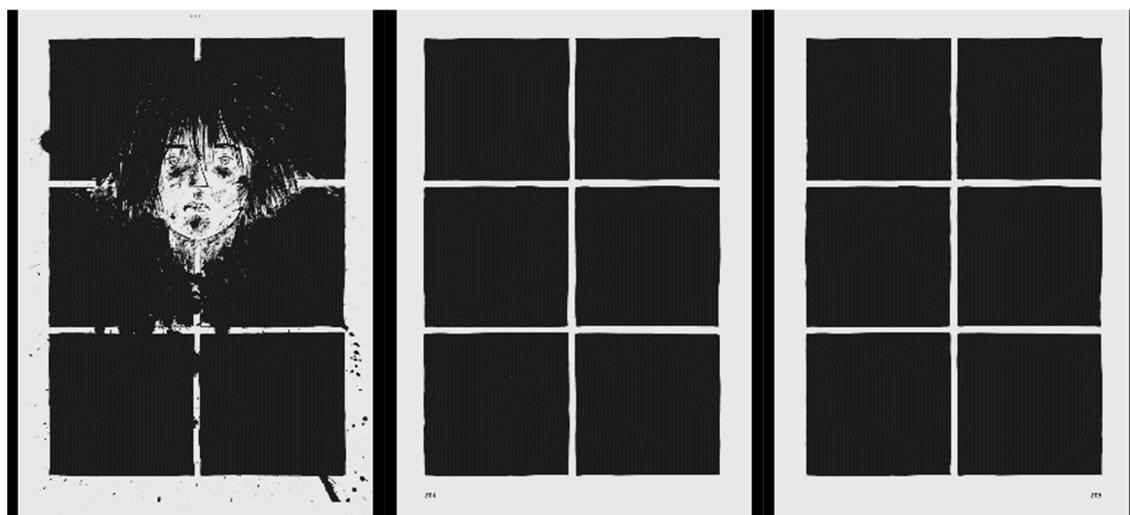


Figura 2. Páginas sobre o estupro de Ok-sum Lee. (GENDRY-KIM, 2020, p. 203-205)

Segundo Moacy Cirne (2000, p. 20), os quadrinhos extrapolam o desenho e a pintura, refletindo nos nossos sonhos através da originalidade que gera experiências oníricas e é a que mais permite criar um mundo ou um novo mundo de possibilidades, como narrar, nas instâncias do dizer e o mostrar. As imagens acima são um exemplo central para falarmos da relação entre “mostrar” e “dizer”, conforme Scott McCloud (2018), e de como ela é usada à profusão em *Grana* para estabelecer um vínculo profundo com os leitores, aproximando-os da experiência emocional da vítima em vez de torná-los meros ouvintes ou leitores “isentos” de um testemunho. McCloud (2018, p. 153-155), indica algumas combinações distintas entre as palavras e as imagens na construção de uma história em quadrinhos. São

elas: as combinações *específicas de palavras*, onde as figuras ilustram, mas podem não acrescentar nada ao texto; *combinações específicas de imagens*, em que as palavras acrescentam apenas uma trilha sonora a uma sequência visualmente falada, o que conhecemos como onomatopéias; os *quadros duo-específicos*, onde as figuras e os textos transmitem a mesma mensagem; a *combinação aditiva*, em que as palavras ampliam ou elaboram sobre a imagem; *combinações paralelas*, em casos onde as imagens e as palavras seguem e apresentam cursos distintos, ainda que num mesmo quadro; a *montagem*, onde as palavras integram as próprias imagens; e a *combinação interdependente*, onde as palavras e as imagens se unem para representar uma ideia que nenhuma das duas conseguiria transmitir e exprimir sozinha. Essas formas de combinações são responsáveis e imprescindíveis para a construção de sentido dos quadros na narração de qualquer história.

Em *Grama*, o recurso mais usado nos muitos momentos traumáticos nasce de uma interface, da combinação *aditiva* com uma combinação *interdependente*, entre palavras e imagens: a adição significa que haveria uma imagem de onde partir para que as palavras amplificassem seu sentido. No entanto, em cada momento traumático da obra, o que há é a *ausência de imagens*, especificamente, e como o exemplo acima mostra, a ausência de imagens icônicas (no sentido de ser um signo semelhante ao objeto referido, vide PEIRCE, 2005, p. 52) ou indicativas de qualquer ação. Outros momentos apresentam imagens que se distanciam das palavras. Cria-se assim uma experiência que se afasta do testemunho, e se aproxima da vivência da dor: atinge-se a emoção fugindo da demonstração visual direta. Nesse sentido, a leitura dá a conhecer o evento traumático, mas não o testemunha, não o mostra. Não mostrar, nesse caso, nos aproxima do sentimento de experienciar o horror e ser incapaz de descrevê-lo, de visualizá-lo. Sobre isto, veremos mais adiante.

As palavras então se tornam uma membrana, que ao mesmo tempo une e distancia o evento. São, no entanto, palavras que conseguiram se tornar testemunho porque foram filtradas no tempo. Sobre isso, Marcus Seligman-Silva parte de um ensaio de Dori Lager para remeter à ideia de se “ter condições de se afastar de um evento tão contaminante para poder gerar um testemunho lúcido e íntegro” (SELIGMAN-SILVA, 2008, p. 68). A própria violência impede assim o testemunho, sendo que a principal tarefa dos sobreviventes seria a de construir o testemunho *a posteriori*. Para quem viveu o trauma, e no caso presente o trauma de guerra, o testemunho pode se tornar impossível: apenas quem consegue se manter “a certa distância do evento”, nas palavras de Seligman-Silva (2008, p.69), não é levado à morte, ou se torna alguém cuja capacidade de resistir tenha sido totalmente destruída. O trauma leva à distorção da memória e do tempo, a sentimentos de irrealidade,

“desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo” (p. 69). Tornar-se capaz de narrar o trauma, transformá-lo em narrativa, em testemunho, em sentido técnico ficcionalizá-lo, é equivalente a “conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida”.

Considerações finais

A sequência de aspectos levantados nos itens acima nos leva a retornar ao tópico das produções sul-coreanas da hallyu. Pois os embates retóricos e políticos acerca das mulheres de conforto, a participação de coreanos em um dos eventos finais da Segunda Grande Guerra – evento de certo modo definidor dos destinos do século XX – e os diversos relatos das vítimas acerca da violência cometida nas casas de conforto são todos temas de carga emocional elevada, aos quais não é possível permanecer-se isento. Os eventos narrados em *Grana* e aqui organizados em tópicos não são ficcionais, são apenas ficcionalizados e narrativizados: sua dramaticidade vem portanto tanto da forma que assumem na narrativa sequencial em quadrinhos quanto da própria experiência vivida, mas também contada (pelas sobreviventes) e disputada (pelos interessados na manutenção do poder e de uma imagem impoluta e de certo modo sobre-humana, tão desejável a todos os tipos de governo).

Daí também analisarmos os aspectos artísticos da obra, buscando explicitar como os dois níveis textuais (verbal e imagético) trabalham para aproximar a leitura da emoção e afastá-la da presunção de isenção e testemunho racionalizado. Já a própria autora diz, em posfácio à obra, que “não exagerei no uso da violência, dor e sofrimento das personagens. Também me coibi de usar expressões provocativas, para trazer leveza a uma história carregada de brutalidade” (GENDRY-KIM, 2020, p. 487). Mas, conforme apontamos, não é só a leveza que desponta da leitura: é principalmente a delicadeza que sentimos e de certo modo partilhamos com quem sofre.

Além dos tantos exemplos apontados, seja em relação à vida de Ok-Sun Lee, ou de outras mulheres de conforto, outros despontam, que não puderam ser esmiuçados no presente texto por questões de espaço. A narrativa que a própria Ok-sum Lee faz sobre uma companheira, Yuna Seo (GENDRY-KIM, 2020, p. 274-308), merece destaque por si só: Yuna engravidou duas vezes: a primeira dentro da casa de conforto, de um soldado que não usou preservativo; tentou abortar se jogando de um lugar alto e também tomou remédios, mas mesmo assim o bebê nasceu, e lhe foi tirado imediatamente dos braços; após a libertação da casa, Yuna foi estuprada por um grupo de lenhadores e engravidou novamente, e novamente tentou abortar: “a vovó colocou uma pedra grande sobre a barriga da mana por um dia inteiro. O bebê resistiu” (GENDRY-KIM, 2020, p. 305). Todo sofrimento se destila

em piedade e compaixão na leitura, sentimentos humanos capazes de mover-nos a grandes ações e a intensas mudanças de visão sobre a necessidade de gentileza, de tratamento não-violento, e também de dar voz real às vozes caladas e por tanto tempo enganadas, não mais por homens que desejam vendê-las ao exército invasor, mas por governos que modalizam e escamoteiam sua presença, uma presença que atrapalha a construção de uma imagem de poder moralmente superior. Tais vozes podem hoje compartilhar seus traumas e mesmo sua raiva, advinda hoje talvez menos do sofrimento e experienciaram durante a guerra, e mais pela falta de reconhecimento do mesmo. Por isso traduzimos parte dos relatos para o português: para que sejam levados em conta e conhecidos em primeira pessoa. Monica Grin (2012) afirma a partir de reflexões acerca de memória, trauma e justiça, sobre a possibilidade de direito ao ressentimento, marcando-o como um “protesto ao esquecimento”, um “marcador de resistência”. Mas lembra-nos, também da necessidade de ultrapassá-lo.

A chamada “era dos testemunhos”, contexto privilegiado para se refletir sobre o tema, convida-nos a uma tradução ambivalente sobre o ressentimento: ao mesmo tempo que realça, através da urgência universal da memória dos testemunhos, a dor infável da violência e da crueldade, promovendo e reforçando as razões para o ressentimento, propõe no passo seguinte, a fim de superá-lo, o seu antídoto: o perdão, a reconciliação, a reparação e o esquecimento. (GRIN, 2012)

Por isso também damos voz, no fechamento, a um relato sem nome que abraça o ressentimento, e que ainda não perdoou, cremos, exatamente por ainda se saber uma voz “esquecida”:

Sempre que penso no meu tempo no Japão, só quero matar todos eles.” “Eles precisam se desculpar com a Coreia e os coreanos. Eles precisam se desculpar com o governo coreano. Quero que as gerações mais jovens façam armas melhores para lutar outros países.” “Não tenho mais nenhum sentimento por este mundo. Se eu puder nascer de novo, quero ser um homem que possa lutar por este país. Por isso quero ser um homem na próxima vida.¹⁸” (ID nº 5)

¹⁸ Tradução nossa de: Whenever I think about my time in Japan, I only want to kill all of them.” “They need to apologize to Korea and Koreans. They need to apologize to the Korean government. I want the younger generations to make better weapons to fight with other countries.” “I don’t have any feelings left for this world. If I can ever be born again, I want to be a man who can fight for this country. That’s why I want to be a man in the next life.”

O último movimento, a passagem do ressentimento ao perdão, apesar de o mais desejável, só poderá ocorrer quando houver, portanto, pleno reconhecimento da dor. Mas deve ser algo de difícil concretização, pois precisa por sua vez não se tornar um movimento que gere mais sofrimento e, daí, mais ressentimento. Por isso, ressaltamos novamente o engenho narrativo de Keum-suk Gendry-Kim, ao trazer à luz todo o sofrimento experienciado pelas mulheres coreanas, japonesas e chinesas, metonimizado na figura da vovó Ok-Sun Lee, sem no entanto explicitar graficamente todo um grau de violência que, em um veículo como os quadrinhos, teria de tudo para facilmente explorá-lo, com efeitos de sensacionalismo barato. A vovó tornou-se ativista, transformando sofrimento e ressentimento em luta: “não vamos desistir e continuaremos protestando até o dia em que o governo japonês nos pedir desculpas e nos indenizar de forma adequada!” (GENDRY-KM, 2020, p. 413). Cabe a nós conhecermos melhor o sofrimento advindo do outro lado do mundo, para não cairmos em separatismos rasos e em uma desumanização cada vez mais facilitada.

Referências

BALDUCCI, Gustavo. Grama: HQ sul-coreana é destaque e ganha exposição inédita no Brasil. **Revista Capricho**, 10 de agosto de 2020. Disponível em <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/grama-hq-sul-coreana-e-destaque-e-ganha-exposicao-inedita-no-brasil/>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. **Psicologia em Estudo**, v. 13, p. 371-379, 2008.

CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL. [AO VIVO, 15H] Live da exposição GRAMA, KEUM SUK GENDRY KIM. **YouTube**, 08 de agosto de 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Bx_bn23oGjk. Acesso em 03 de setembro de 2022.

CHINA THROUGH A LENS. **Comfort Women Houses Revealed**. 2005. Disponível em <http://www.china.org.cn/english/features/129663.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

CHOE, S.H. Japan and South Korea settle dispute over wartime ‘comfort women’. **New York Times**, 28 de dezembro de 2015. Disponível em <https://www.nytimes.com/2015/12/29/world/asia/comfort-women-south-korea-japan.html>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis - RJ. Editora Vozes, 2000.
- DEMEIO, Kendra. 10 Iconic Films You Didn't Know Were Based On Comics. **Collider**, 17 de julho de 2022. Disponível em <https://collider.com/iconic-films-based-off-of-comics/>. Acesso em 30 de setembro de 2022.
- DUDDEN, Alexis. A Guide to Understanding the History of the 'Comfort Women' Issue. **United States Institute of Peace**. Disponível em <https://www.usip.org/publications/2022/09/guide-understanding-history-comfort-women-issue>. Acesso em 30 de setembro de 2022.
- ELWARD, Zane. Materializing the Past: Teaching History Through Graphic Novels. In: AMAN, Robert; WALLNER, Lars (orgs.). **Teaching with Comics**. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 277-297.
- GENDRY-KIM, Keum Suk. **Gramma**. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2020. Tradução de Jae Hyung Woo.
- GRIN, Monica. Reflexões sobre o direito ao ressentimento. In: FICO, Carlos et al. **Violência na História: Memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio-Dumará Distribuidora Lta, 2012.
- HATA, Ikuhiko. **Comfort women and sex in the battle zone**. Nova York, Londres: Hamilton Books, 2018. Tradução do japonês de Jason Michael Morgan.
- JAPÃO. Announcement by Foreign Ministers of Japan and the Republic of Korea at the Joint Press Occasion. **Ministério das Relações Exteriores do Japão**, 28 de dezembro de 2015. Disponível em https://www.mofa.go.jp/a_o/na/kr/page4e_000364.html. Acesso em 30 de setembro de 2022.
- JONSSON, Gabriel. Can the Japan-Korea Dispute on "Comfort Women" be Resolved?. **Korea Observer**, v. 46, n. 3, p. 489-515, 2015.
- KIM, Youna. Korean wave pop culture in the global internet age: Why popular? why now?. In: KIM, Youna (org.). **The Korean Wave**. Nova York, Londres: Routledge, 2013. p. 75-92.
- KLAUTAU, Perla; WINOGRAD, Monah; SOLLERO-DE-CAMPOS, Flávia. Do traumático ao trauma: a lógica do presente permanente. **Psicologia em Revista**, v. 22, n. 3, p. 613-635, 2016. disponível em <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N3P613>. Acesso em 30/08/2022.
- LEE, Jin. Opening Up a World and the Temporal-Normative Dimension: Keum Suk Gendry-Kim's Grass as World Literature. In: HODAPP, James; BEEBEE, Thomas Oliver (orgs.). **Graphic Novels and Comics as World Literature**. Londres, Nova York:

Bloomsbury Academic, 2022, p. 167-186.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Tradução de Sergio Luiz Henriques.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução de Marisa Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 2018.

NAZAROV, Sergey V.; NAZAROVA, Veronika V. “Comfort Women”: an Exploration of the Experience of the Trauma of Sexual Slavery during the Second World War. **Slavery: Theory and Practice**, n. 3, p. 80-85, 2018.

NOZAKI, Yoshiko. The “comfort women” controversy: History and testimony. **Japan Focus**, v. 336, p. 1-17, 2005. Disponível em <https://apjif.org/-Yoshiko-Nozaki/2063/article.html>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

PARK, Jee Hoon et al. Korean survivors of the Japanese “comfort women” system: understanding the lifelong consequences of early life trauma. **Journal of gerontological social work**, v. 59, n. 4, p. 332-348, 2016. Manuscrito disponível em <https://rc.library.uta.edu/uta-ir/bitstream/handle/10106/29056/Comfort%20Women%20Manuscript.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005. Tradução de José Teixeira Coelho Neto.

PERCY, Nicole; WALSH, Adam. In the #MeToo era, women used as sex slaves by Japanese in WW II are still seen as prostitutes, not victims. **CBC News**, 07 de julho de 2018. Disponível em <https://www.cbc.ca/news/world/comfort-women-japan-apology-metoo-1.4732458>. Acesso em 29 de setembro de 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História**, n° 30, 31-78, 2005.

SOH, C. Sarah. In/fertility among Korea's “comfort women” survivors: A comparative perspective. **Women’s Studies International Forum**, v, 29, n. 1, p. 67-80, 2006. DISPONÍVEL em <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2005.10.007>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

SON, Elizabeth. **Embodied Reckonings: “Comfort Women,” Performance, and Transpacific Redress**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.